

HOLLY BOURNE

Autora bestseller do *Sunday Times*

~~SEXY~~

~~DIVERTIDA~~

~~SINCERA~~

~~SOFISTICADA~~

FAZ DE CONTA

«Um livro profundo, inteligente e urgente,
que todas as mulheres precisam de ler.»

Dolly Alderton

TOP
SEL
LER

Eu odeio os homens.

Pronto, já disse. Sei que é algo que não se deve dizer. Todas nós fazemos de conta que não os odiamos; todas dizemos a nós mesmas que não os odiamos. Mas eu decidi dizer as coisas como elas são. Estou aqui em cima do meu pequeno palanque e afirmo-o:

Eu. Odeio. Homens.

Convenhamos, pensem um pouco. Eles são simplesmente *horríveis*. Odeio o seu egoísmo. Odeio a forma como ocupam espaço, presumindo sempre que o espaço é todo seu e que podem tomá-lo à vontade. Odeio a maneira como abrem as pernas nos transportes públicos, como se os tomates precisassem de ser arejados regularmente para não ganharem humidade. Odeio como sentem a necessidade de marcar todos os territórios em que põem os pés para os fazerem funcionar a seu favor. Assim que chegam a uma festa qualquer, põem a música que *querem* ouvir, escolhem sempre a melhor cadeira ou poltrona para se sentarem. Odeio a forma como mexem nas nossas coisas em vez de se limitarem a olhar para elas; até fazem alterações na disposição da mobília para tornar o espaço mais confortável para eles. E isto tudo sem sequer perguntarem primeiro se podem — *nunca* perguntam primeiro se podem.

Odeio que pensem que os seus interesses são mais importantes do que os nossos — embora, duas vezes por semana, a maior parte deles se limite a sentar-se a ver um bando de desconhecidos aos pontapés

a uma bola através de um campo relvado e a amuar quando a dita bola não entra no sítio certo. Odeio como, mesmo antes de carregarmos no *play*, ficam entediados quando tentamos mostrar-lhes um filme, uma banda ou até a porcaria de um vídeo no *YouTube*.

Odeio a sua arrogância interminável. Odeio como nos interrompem e nos pedem desculpa pela interrupção, mas continuam a falar mesmo assim. Como nos fazem uma pergunta mas a seguir vão verificar a nossa resposta. Odeio como nunca conseguem cumprir uma única tarefa doméstica sem nos virem dizer o que fizeram. Odeio a verdadeira incapacidade de serem conduzidos num carro por uma mulher, mesmo que sejam, eles próprios, péssimos condutores. Odeio como todos pensam que são espantosos a grelhar carne e a fazer churrasco, de um modo geral. Como nos enchem os pratos de pedaços de frango chamuscado, acompanhados pelo bafo a cerveja depois de um arroteo, à boa maneira dos homens das cavernas, como se fosse nossa obrigação achar *engraçada* a possibilidade de apanharmos salmonela e ainda de termos de limpar e arrumar tudo no fim.

Odeio o facto de ter tanto medo deles. Odeio o ruído coletivo que fazem quando estão reunidos em grandes grupos. Os gritos tribais que emitem, como se, juntos, trocassem os QI individuais por uma dose extra de testosterona. Como, se estivermos sentadas sozinhas no comboio, eles se sentam sempre deliberadamente ao nosso lado, *en masse*, e conversam em altos berros sobre disparates de macho com a pretensa intenção de nos impressionarem. Odeio a maneira como olham para nós quando passamos por eles — avaliando automaticamente quão fornicáveis somos apenas com um mero olhar. Odeio que nos digam que devemos sorrir se nos atrevermos a aparentar qualquer outra emoção que não o deleite profundo por vivermos num mundo assim, onde estas merdas nos acontecem constantemente.

Odeio a forma como os homens são difíceis de amar. Como muitos deles acham, de verdade, que a melhor maneira para ganharem o nosso coração é mandarem-nos uma *selfie* a baterem uma, com os tomates peludos a aparecerem claramente na imagem. Odeio a forma como eles têm sexo. Como nos enfiam os dedos no corpo, achando que isso terá algum efeito. Como nos encostam as mãos sujas nas vaginas secas

e vasculham como se estivessem a fazer um exame à próstata, para depois se questionarem porque temos um fungo qualquer e ainda não nos viemos. Será que *nenhum* deles leu um manual de sexo? A sério? Nenhum? E odeio a forma como nos odeiam um pouco, assim que acabam de fazer o que têm a fazer. Como até os mais simpáticos ficam ali deitados com uma expressão fria nos olhos, a fazerem de conta que estão a mimar-nos, quando, na verdade, estão claramente desesperados por fugirem para tão longe quanto possível.

Odeio que nunca exista igualdade. Que esperem que sejamos nós a fazer todo o trabalho emocional e que, depois, fiquem muito aborrecidos quando ficamos mais stressadas do que eles. Odeio que nunca consigam entender-nos, por muito que tentem, embora — sejamos sinceras — nunca tentem grande coisa. E odeio a forma como nos esgotamos a tentar explicar a mais básica das nossas reações emocionais enquanto eles mantêm aquela expressão entediada no rosto.

Odeio o facto de todos os homens, absolutamente todos, terem problemas por resolver com o pai.

E querem saber o que odeio mais do que isto tudo?

Odeio que, não obstante todas estas coisas, todo este desdém que lhes tenho, eu continue a *gostar* de homens. Que eu continue a querer que eles gostem de mim, que me *amem*. Odeio-me por os querer tanto. Porque é que continuo a gostar tanto de homens? Mas que diabo se passa comigo? Por que motivo estão todos tão magoados, tão destroçados? Será que também estou destroçada por continuar a querer estar com um homem, apesar de tudo o que aconteceu? Eu devia ficar sozinha. É a única forma saudável de viver. MAS NÃO QUERO ESTAR SOZINHA. Odeio os homens, é esse o meu problema. CÉUS, ODEIO-OS TANTO — eles são tão arrogantes, traumatizados, preguiçosos e errados e... e...

Esperem um pouco...

O meu telemóvel.

ELE RESPONDEU À MINHA MENSAGEM!!!

COM UM BEIJO NO FIM!

Pronto, esqueçam.

Faz de conta que não vos disse nada. Está tudo bem.

— **A**cho que vou apaixonar-me por ele — digo à Katy, enquanto aguardamos que a água ferva e borbulhe, em pé, mesmo ao lado da velha chaleira.

— Se calhar é um pouco cedo para isso, não te parece?

— Eu sei... Por outro lado, também *sei*. Sabes?

A Katy fecha os olhos durante uns segundos a mais do que seria necessário, e tudo bem, eu percebo, é justo. Eu consigo ouvir-me a falar. Eu não sou esta pessoa. Não sou este tipo de mulher. Embora seja, porque sou.

— Estás outra vez a deixar-te levar na onda, não estás? — Ela lava as nossas canecas com uma gota minúscula de *Fairy*, que tem um aviso colado: «Usar com parcimónia, por favor», como se a associação de solidariedade social para a qual trabalhamos pudesse ser salva da ruína financeira só com a poupança de detergente da louça.

— Já tivemos cinco encontros! *Cinco!* Fazes alguma ideia de como isso é um marco importante? É que fui pesquisar no *Google* e é mesmo, mesmo muito importante.

— Nós não falámos já sobre os perigos de pesquisar sobre relacionamentos no *Google*, April?

— Não consigo evitar. Trabalhamos num escritório com acesso ilimitado à Internet e eu também não sou o Gandhi. Além de que tenho a certeza de que, se estivesse no meu lugar, até ele pesquisaria: «O que esperar de uma relação depois de cinco encontros?»

Ela solta uma gargalhada suficientemente sonora para fazer virar as cabeças do escritório na nossa direção. Mando-a calar enquanto sirvo o café da *cafetière* para três canecas. Ela serve o leite e rio-me com ela, mas não consigo evitar sentir uma ligeira pontada de dor perante a sua diversão com a minha situação. A Katy casou-se há quatro anos com um homem que a adora completa e perdidamente. Ela tem uma atitude muito convencida e descontraída, do tipo «ah-eu-nunca-vou-ser-assim», que é uma postura fácil de se ter quando se é casada com um homem que nos adora. Eu seria igualmente descontraída se fosse casada com um homem como o Jimmy. Estaria sempre aborrecida de morte, mas descontraída.

Regressamos ruidosamente para as nossas secretárias, para o escritório que ferve com aquela energia especial de uma sexta-feira. O fim de semana está tentadoramente à vista. Os ombros das pessoas descontraem enquanto escrevem nos seus teclados, as reuniões são invadidas por graçolas e até aumentaram o volume do rádio. Ninguém está a trabalhar tão arduamente quanto devia e na segunda-feira todos se vão arrepender de terem sido tão relaxados na sexta. Mas a segunda-feira ainda está longe — hoje é sexta e eu tenho um encontro marcado, o sexto, um fim de semana inteiro pela frente e a esperança de um começo.

Ataco o meu telemóvel assim que me sento. Sinto a doce e agoniante apreensão de esperar que apareça uma bolinha vermelha a indicar uma nova mensagem — a minha disposição futura depende da existência desta bolinha. Enquanto espero que o ecrã desbloqueie, imagino por uma fração de segundo que tudo se desintegra. Talvez eu esteja a exagerar na ligação que se criou entre nós, talvez ele não me tenha respondido, talvez eu seja apenas uma sonhadora louca e, agora que ele percebeu isso, vai desaparecer da minha vida sem se dignar a dar qualquer explicação. E eu vou ter de recomeçar — mais uma vez. Vou ter de me levantar e sacudir o pó novamente. Vou ter de tentar reencontrar a minha fé. No meu estômago começa a abrir-se um abismo negro e... esperem!

Tenho uma mensagem nova!

Ele respondeu!

Fui recompensada por ter deixado o telemóvel na secretária enquanto fui fazer o café. Enganei com sucesso os Deuses do Amor com a minha viagem à cozinha para preparar uma bebida quente. Eles pensaram que eu me sentia ambivalente em relação à resposta do Simon e por isso enviaram-ma, mas quem se ri por último sou eu, porque eu nem sequer queria beber café. Só precisava de uma desculpa para me afastar do telemóvel.

— O teu telemóvel vibrou — diz-me o Matt desnecessariamente, uma vez que estou a olhar para o telemóvel na minha mão. Ele está a espreitar por cima do monitor, os olhos bondosos por detrás dos óculos de aros pretos grossos. — É o Simon?

Assinto.

— Acho que sim. Mas não posso abrir a mensagem para ver se é mesmo ele, pois não?

— Porque não? É claro que podes.

A Katy pousa a bebida dele à sua frente e ele agradece com um movimento de cabeça.

— Deve ter sido o *Google* que lhe disse para não abrir a mensagem — diz ela, sentando-se no seu lugar ao lado do Matt. Puxa o teclado na sua direção e começa a escrever com vigor.

— Não é só por isso — protesto. Abro a primeira gaveta e guardo o telemóvel, para não ter de olhar para ele. Fica a repousar em cima de alguns blocos de notas já usados e postais promocionais que costumamos distribuir pelas associações de estudantes. — Não quero que ele pense que passei o dia inteiro a olhar para o telemóvel para ver se me tinha enviado uma mensagem.

— Apesar de teres feito exatamente isso... — arrisca o Matt.

— Está bem, mas também fiz outras coisas interessantes e tive outros pensamentos interessantes.

— Como por exemplo?

— Bem, acabámos de ter aquela reunião.

— Para a qual levaste o telemóvel... e depois passaste a reunião toda a olhar para o colo.

Abano a cabeça e bebo um gole do indesejado café que usei para enganar os Deuses do Amor.

— Pronto, está bem, então sou uma idiota, uma pateta. O Simon vai descobrir como sou louca, vai dar-me com os pés e hei de morrer sozinha no meu apartamento, com o meu gato a comer-me a cara, porque os gatos não têm sentido de lealdade.

— Tu não tens nenhum gato — recorda-me a Katy, ainda a escrever.

— Escreve isso tudo numa mensagem e envia-a para o Simon — diz o Matt, apontando para mim.

— O quê? Queres que diga: «Olha, por favor, não me dê com os pés quando descobrires que sou louca. És a minha única hipótese de não vir a ter um gato que me coma a cara em decomposição»?

Ele aponta com mais vigor.

— Isso mesmo. Vá lá. Faz-lhe um teste de stress, só para veres o que acontece. Se ele for o tipo certo para ti, vai entender a mensagem.

Eu e a Katy abanamos a cabeça uma para a outra. A Katy está com o Jimmy há tanto tempo que não se inclui de todo na cena de namoros, mas até ela sabe que esta ideia do Matt é errada.

— Sabes que as coisas não funcionam assim.

O que se passa é o seguinte: eu não entendo mesmo por que motivo o amor tem sido uma questão tão difícil para mim. Sou bonita. Sou inteligente. Tenho um emprego razoavelmente bom. Tenho amigos. Tenho passatempos. Sou engraçada. Gosto de estar sempre atualizada. Visto-me bem. Não tenho padrões particularmente elevados. Não estou à espera de que me venham salvar. Sou realista acerca da natureza das relações. Sei que exigem trabalho. Sei que ninguém é perfeito, e muito menos eu. Sei que preciso de «me mostrar ao mundo» e é isso que tenho vindo a fazer. Sei ter uma boa conversa. E sou feliz sozinha. Sou mesmo.

Mas, sei lá, continuo a querer ter uma relação com alguém.

Quero *mesmo* ter uma relação com alguém.

Não porque ache que me vai completar ou resolver todos os meus problemas. Não porque quero uma grande festa de casamento ou usar um vestido caro. Na verdade, nem sequer é porque quero ter filhos, já que, se não os tiver, de certeza que consigo sobreviver sem eles.

Quero ter uma relação porque é uma coisa muito normal e natural de se desejar. E, no entanto, não tenho grandes perspectivas de vir a ter uma. Isto é tão difícil, tão cansativo. Não entendo por que razão é tão cansativo...

Talvez deixe de ser tão difícil agora. Talvez com o Simon venha a ser diferente.

Porque — caramba! — eu gosto *mesmo* do Simon.

Tento enterrar-me no trabalho. No meu trabalho importante, no meu emprego importante, na minha vida independente. Tento ser melhor do que isto. Menos carente do que isto. Menos obcecada. Esta tarde é a minha vez de responder aos e-mails, o que é sempre uma tarefa para lá de traumática, por isso preciso de ser eficiente, de despachar os e-mails e de ser todas as coisas que sei que sou capaz de ser. Passo a limpo as anotações da reunião sobre as nossas políticas de proteção. Planeio o horário do mês e envio-o para os voluntários. Vou a outra reunião sobre cortes no orçamento, sobre como fazer as coisas funcionarem com muito menos dinheiro e sobre como provavelmente para o próximo ano ainda vamos ter menos, mas estamos confiantes de que tudo vai correr bem. Apesar de ocupada, tenho plena consciência do meu telemóvel, guardado na primeira gaveta. A mensagem por ler parece perfurar a madeira de carvalho como se fosse o coração ainda latejante de alguém que assassinei e que tentei esconder, como se vivesse num dos contos de Poe. Fico a olhar para o vazio durante muito tempo, a imaginar, obcecada, o conteúdo da mensagem. Ele não ia cancelar o encontro desta noite, pois não? Ontem à noite parecia estar bastante ansioso que o momento chegasse. Pronunciou explicitamente as palavras «estou ansioso por voltar a ver-te». E ainda selou a ocasião com um beijo. Mas e se ele mudou de ideias? E se a ex-namorada lhe ligou ontem à noite, assim sem mais nem menos, e lhe disse que ainda o ama? E se estiveram toda a noite desenfreadamente

engalfinhados um no outro e só agora ele se lembrou de que tinha um encontro marcado para hoje à noite?

«Ui, talvez fosse melhor avisá-la», consigo imaginar o Simon a dizer, rindo-se com um desapego descontraído enquanto ela lhe abraça o pescoço. Já agora, decidi que o nome dela é Gretel. Não sei bem porquê, mas sempre que fantasio acerca de mulheres perfeitas que se comportam perfeitamente nas suas relações, chamo-lhes Gretel. A Gretel dá-lhe um beijo no rosto e diz: «Pois, agora já não podes sair com ela, pois não? Não agora que estamos prestes a fugir juntos para casar em Gretna Green e...» — OH, MEU DEUS, QUAL É O MEU PROBLEMA, AFINAL? Porque é que tenho esta imagem estranha do Simon e da ex-namorada gravada na minha cabeça? Eu mal o conheço, só saímos cinco vezes, por isso porque é que estou a fazer isto a mim mesma? Tenho de ler a mensagem. Ele vai cancelar o encontro. Sei que vai, sei que sim. O melhor é ultrapassar já a desilusão, arrancar o penso rápido depressa, deixar que a ferida cicatrize e avançar...

A gaveta está aberta. Pego no telemóvel e trago com ele uma série de postais que caem na alcatifa cinzenta como se fossem estilhaços. Encosto bruscamente o dedo no leitor para desbloquear o telemóvel, já a questionar-me se a minha colega de casa, a Megan, estará livre esta noite para afogar as mágoas comigo. Abro a mensagem.

Simon: Olá, então como está a correr a tua sexta-feira? Encontramo-nos às 19h no Gordon's Wine Bar? Beijo

A habitual enxurrada de emoções invade-me subitamente. Euforia! Ele deu notícias! Ele gosta de mim! Eu gosto dele! Não imaginei a atração entre nós! Os seres humanos podem conhecer-se e gostar uns dos outros e construir qualquer coisa e eu posso ser um desses seres! Posso perfeitamente ter relações! Completamente! Afinal, não há nada de errado comigo! Sim! Oh, gosto tanto dele! Vamos ao Gordon's! Mas que boa ideia! Adoro aquele bar! Normalmente detesto-o, mas agora acho que é perfeito! Sim! Oh, ele é mesmo perfeito! Acho que me vou apaixonar por ele e tudo será eternamente perfeito! Que tonta que eu sou! Ups! Tontinha, tontinha por ter duvidado que isto fosse acontecer.

Espera lá...

Eu acabei de *alucinar* — com todos os detalhes — que ele tinha celebrado o reencontro com a ex-namorada com uma sessão de sexo espantoso. Até a batizei de Gretel.

Isto não é normal, ou é?

Caraças, é a coisa *menos* normal do mundo.

Qual é o meu problema?

ELE NUNCA PODE DESCOBRIR COMO SOU NÃO-NORMAL!

O Matt olha de relance para mim e repara em quão trémulas as minhas mãos estão ao segurar no telemóvel. Tira os auscultadores e faz sinal para o aparelho.

— Tudo bem? Estás com um ar de quem acabou de receber uma ameaça de morte.

Ergo o olhar, agitada.

— Ele quer ir ao Gordon's Wine Bar.

— Uau, isso ainda é pior do que uma ameaça de morte. — Baixa-se mesmo a tempo de evitar a minha palmada brincalhona na cabeça.

— Mas é bom ele querer voltar a ver-te, não é?

— Acho que sim.

— Vais responder-lhe? — O Matt fala devagar, como um professor diria ao seu aluno: «Esse desenho é muito bonito, vais acrescentar um sol no céu?»

— Quero dizer, é o mais óbvio, não é?

— Costuma ser esse o padrão. Eles enviam-te uma mensagem, tu respondes, e por aí fora. — Começa a pôr os auscultadores outra vez na cabeça, mas faz uma pausa e segura-os ao lado das orelhas.

— Oh, céus, o que foi? — pergunto. — Não estás na iminência de me dar os teus brilhantes conselhos sobre encontros, pois não? Tipo: «Se isto for certo para ti, não há nada que possas fazer para o estragar, e se isto não for certo para ti, não há nada que possas fazer para o fazer funcionar». É que nunca te tive como um tipo que regurgita citações inspiradoras.

— Não, na verdade, ia só falar contigo sobre o teu turno.

O meu coração endureceu. A visão ficou turva. Já sei onde isto vai parar.

— Estive a dar uma vista de olhos à caixa de entrada e sei que vai haver um tema mais duro. Sou teu amigo, por isso pensei que devia alertar-te e...

— Eu sei o que estás a tentar dizer, mas eu estou bem — interrompi.

— Tens a certeza?

Sorriso por entre as dúvidas, apesar de conseguir reconhecer todos os meus gatilhos habituais a começarem a disparar pelo sistema nervoso, desencadeando novamente todo o mecanismo. A ligar todos os interruptores do meu corpo. Estou no ponto mais negro. Mais escuro, no maior breu que esta vida pode ter. O papel de parede branco dissolve-se por detrás das minhas pálpebras. O padrão em relevo começa a rodopiar. Estou nesta sala e as coisas estão a descontrolar-se; não sei bem como isto aconteceu, porque foi tão rápido, mas o papel de parede e... Não. Não estou lá. Estou aqui, num escritório. Numa sexta-feira. Estou em completa segurança.

— Tenho a certeza — respondo.

O Matt deve acreditar em mim, porque volta a pôr os auscultadores. Ele não gosta da escolha de estação de rádio que passa no escritório. Resumidamente, se a canção que estiver a dar não for escrita por um tipo qualquer triste e atormentado, com uma terrível falta de autoestima e memórias de todas as ex-namoradas que lhe fugiram, então o Matt nem se digna a ouvi-la.

Devolvo o telemóvel à gaveta sem sequer pensar em mais nada e deixo a mensagem do Simon temporariamente esquecida. Ponho os meus próprios auscultadores para abafar o barulho. Sei que é sexta-feira, e não há problema nenhum se toda a gente quiser ouvir a Magic FM. Eu é que não posso ler sobre violência sexual enquanto ouço Wham! Ponho uma seleção de músicas chamada *Piano e Chuva*, entro na caixa de entrada da associação e espero para ver que coisa horrível fez hoje um homem a uma mulher.

O meu turno é mau. Quero dizer, são sempre maus, mas quando leio esta mensagem na caixa de entrada da associação sinto-me quase sem ar:

Mensagem recebida: 15h34

Será que foi uma violação? Ele é meu namorado. Não consigo entender. Será que ele quis mesmo fazer isto?

O Matt está mais atento a mim do que aquilo que quer deixar transparecer. Pressinto cada um dos movimentos de cabeça dele, sinto os seus olhos a dirigirem-se rapidamente ao meu rosto.

Levanto-me de repente.

— É a minha vez de ir buscar chá. Quem quer? — anuncio numa voz demasiado alegre.

Ele tira os auscultadores e pousa-os à volta do pescoço.

— Eu não quero. Estás bem? Estava a falar a sério, April, se preferires não fazer este turno, eu não me importo de o fazer.

— Estou ótima! — Pego na minha chávena, ao mesmo tempo que levanto e baixo o polegar para que Katy me diga se quer chá ou não. Ela abana a cabeça. Ajo como se o dia não tivesse acabado de sofrer uma viragem absurda, como se a minha vida não parecesse já um daqueles globos de neve depois de agitado. — Sai um chá só para mim — murmuro com os meus botões.

Fico na cozinha cavernosa e engulo o chá em grandes goles sem os saborear. Estou no escritório. Estou em segurança no escritório. Estou no presente. Céus, este escritório é cá um pardieiro. Quando era pequena, imaginava um escritório com homens vestidos com fatos limpos, gravatas de seda e mulheres com sapatos de salto alto e manicuras perfeitas. As pessoas deslocavam-se entre os pisos em elevadores elegantes de vidro e tinham as suas reuniões em salas com vista para o horizonte de Londres. O escritório de uma associação de solidariedade social não é nada parecido com isso, principalmente se essa associação atravessar uma interminável crise financeira. Desde que fizeram cortes no orçamento, tivemos de mudar de instalações mais uma vez. Agora estamos desconfortavelmente aninhados por cima de uma imobiliária de rua. Somos 20 pessoas a partilhar uma casa de banho unissexo, onde toda a gente consegue ouvir tudo e onde não há janelas para deixar os odores saírem. Não há flores frescas na secretária da receção, nem ecrãs táteis e aparelhos topo de gama — só temos uma escala para determinar quem atende o telefone esta semana e alguns computadores antigos e volumosos que comprámos por tuta e meia numa liquidação de outro escritório. Oh, e também demasiados jovens desesperados que precisam de ajuda, sendo que nós somos muito poucos para os ajudar efetivamente.

Forço-me a regressar à minha cadeira, depois levo a mão à minha mala atafalhada de coisas e procuro o óleo de alfavaca. Deito um pouco no interior dos pulsos e inalo o aroma, para me acalmar e focar.

— A sério, April — interrompe outra vez o Matt. — Eu posso fazer o teu turno.

Levanto os olhos e sorrio para o rosto preocupado dele. O Matthew é uma das poucas coisas que este trabalho me trouxe que não destrói completamente a minha fé nos homens.

— Tu és amoroso — digo-lhe, porque é mesmo.

— Vamos comer um gelado no fim do turno?

— És mais do que amoroso. — Cheiro novamente os pulsos aromatizados e releio a mensagem do e-mail. Começo por tirar algumas notas, certificando-me de que apanho todos os detalhes, todos os fragmentos da história e da dor daquela rapariga. Depois, minimizo

a janela e faço duplo clique sobre a minha pasta de «respostas-padrão». Abro um ficheiro cujo título é «Fui Violada pelo Meu Namorado». Esta pasta existe porque é tão comum as raparigas serem violadas pelos seus namorados que a associação teve de criar uma resposta-padrão. Faço algumas modificações na resposta, que inclui todas as frases importantes sobre como não foi culpa dela, como não há uma forma certa ou errada de lidar com este tipo de situações, e pergunto-lhe se há alguém da sua confiança com quem possa falar. Encaminho-a para organizações especializadas que a podem ajudar melhor. Acrescento uma palavra de esperança para que, no futuro, consiga processar tudo o que aconteceu sem deixar que isto a defina enquanto pessoa ou que condicione a sua vida. Bebo um gole de chá enquanto procuro gralhas ou erros. Depois pouso a chávena, releio tudo e envio o e-mail. A minha respiração não está muito bem; o ar fica-me entalado no esófago como se fosse uma bola de barro molhado. O meu computador emite um apito agudo para me dizer que o e-mail foi recebido. Imagino a resposta a chegar à caixa de entrada daquela rapariga sem rosto — seja lá em que ponto do país estiver. Imagino-a a recarregar a página, à espera desta resposta, e agora já lá está. Espero que a ajude. Imagino-a a sentir-se um pouco reconfortada com as minhas palavras, um pouco menos sozinha. Vejo-a a chorar, mas as lágrimas são boas, daquelas que nos fazem levantar a cabeça e começar uma viagem difícil, mas recompensadora.

Estou a ajudar, estou a ajudar, estou a ajudar, repito incessantemente para mim mesma, enquanto deixo que o pensamento se enraíze dentro de mim e me acalme novamente.

O Matt aproxima-se mais uma vez. Está a olhar para o meu monitor.

— Acabei de ler a tua resposta — diz ele. — Acertaste no tom exato que era necessário.

Suspiro e deixo a cabeça descair para trás; fico a olhar para um dos painéis soltos do teto.

— Obrigada, querido.

— Diz-me só quando quiseres ir comer o gelado. O resto da caixa de entrada é bastante comum. Espera-te uma pessoa virgem aos 23 anos e alguém que precisa de saber se pode engravidar através do assento da sanita.

Sorrio para ele.

— No encontro desta noite, não posso falar do meu trabalho, pois não? — pergunto. Agora que afastei aquele assunto que me perturba tanto, o Simon está de regresso ao meu pensamento. A esperança inunda a minha corrente sanguínea. — Não sei ao certo se esperma em assentos de sanitas é um bom tema de conversa para um encontro, ou é?

— Vai ver ao *Google* — diz o Matt, com um sorriso.

Começo a escrever na janela de pesquisa.

— Oh, meu Deus — diz ele. — Vais mesmo pesquisar isso?

Eis as coisas que me parece que distinguem o Simon dos outros e os motivos que me levam a pensar que posso apaixonar-me por ele: ele responde sempre às minhas mensagens. Parece encantado por me ver. Os pais dele não são divorciados. Ainda não declarou que sou o amor da vida dele, o que é adequado, no entanto, sempre que está comigo parece ficar a gostar mais de mim, o que também é adequado. Tem um emprego estável e não é um músico falhado, um escritor falhado ou um ator falhado, que só tem um emprego estável porque falhou em tudo o resto, mas que por isso é uma pessoa estranha, amargurada e deprimida. Fez voluntariado uma vez na associação de sem-abrigo, que foi onde o conheci, por isso não está morto por dentro, tem sentimentos. Tem uma irmã, o que, como todos sabemos, é uma grande ajuda. É um homem atraente, mas não de uma forma que implique que todas as mulheres se atirem constantemente a ele, fazendo com que seja um grande convencido e um potencial traidor. Faz-me rir e eu faço-o rir também. Beija mesmo muito bem. Quando investiguei a ex-namorada dele online, vi que é mais ou menos tão bonita quanto eu, se não até um pouco mais feia, e, pelo que pude perceber pelas datas das fotografias, eles já não estão juntos há um ano e dois meses, o que é um tempo razoável para se recuperar emocionalmente. Ele parece gostar mesmo de mim... até agora.

Vejo-o antes de ele me ver e por isso tenho a oportunidade de sentir aquela emoção trémula de observar um homem à minha espera. Oh, Simon, quero mesmo apaixonar-me por ti, se de alguma maneira o conseguir fazer. Ele está bonito, com a roupa de trabalho — as mangas da camisa azul estão arregaçadas e mostram os braços bronzeados. Já mandou vir uma garrafa de vinho tinto — no último encontro eu disse-lhe que prefiro vinho tinto a vinho branco e ele não se esqueceu. Consegui arranjar-nos um lugar na esplanada, numa pequena mesa feita a partir de um barril. Está a mexer no telemóvel com o polegar, sem ligar ao alarido que toda a gente faz à sua volta, contentes por estarem a beber um copo e a dar início ao fim de semana. Depois, pressentindo a minha chegada, levanta os olhos. Os olhos formam pequenas rugas nos cantos quando sorri, o que, segundo o especialista em relacionamentos Roald Dahl, quer dizer que o sorriso é genuíno. Acenolhe com timidez e sorriu também; Roald Dahl aprovaria o meu sorriso. Isto é a sério, sabem? Pode mesmo ser desta. Um homem não nos sorri assim se a relação não estiver a encaminhar-se para alguma coisa boa. Aproximo-me dele, extremamente consciente de mim enquanto desejo não ter bebido aquele segundo copo de vinho depois do trabalho. Não era minha intenção, mas Londres tem andado a exhibir-se com uma onda de calor muito invulgar e, como estamos determinados a não desperdiçar o bom tempo, fomos beber vinho ao Regent's Park, que fica ao virar da esquina do escritório. Eu queria acalmar o travo amargo que

me ficou do meu turno. Além disso, depois de ter pesquisado no *Google*, concluí que é provável que o Simon queira ir para a cama comigo esta noite, o que me fez passar imediatamente dos carros, claro. O vinho fez com que o meu medo de que isto não funcionasse ou de que *aquilo* venha a acontecer outra vez diminuísse. Sinto-me leve e solta, convencida de que vai correr tudo bem, apesar de não usar os dilatadores vaginais há séculos.

Ainda não sabemos muito bem como devemos cumprimentar-nos. Da última vez que o vi, estávamos entalados contra uma parede qualquer na estação do metro, a beijar-nos com tanta voracidade que é um espanto não termos sido detidos. Tenho a certeza de que essa imagem está neste momento no pensamento de ambos, mas voltámos à corte mais formal.

— Olá. — Ele dá-me um beijo no rosto, enquanto eu transformo o cumprimento num abraço.

— Cheiras tão bem — dou por mim a dizer, um tanto ébria, quando nos afastamos. — Os nossos filhos seriam geneticamente tão saudáveis.

Sinto-me a morrer por dentro durante exatamente dois segundos até que ele solta uma gargalhada e o meu estômago volta a descontraír. Ele ri-se com a boca aberta, mostrando pelo menos três obturações nos dentes, o que ainda assim acho sexy, porque estou a rebentar de oxitocina.

Ele debruça-se e cheira-me o pescoço.

— Hum, o teu cheiro é de alguém que tem uma herança genética muito diversa.

— Os nossos filhos nem vão precisar de ser vacinados.

E a seguir começamos a beijar-nos de uma forma que normalmente não gosto de ver em público, reproduzindo a parte final do nosso último encontro. Afastámos para longe o cumprimento educado. O vinho fica temporariamente abandonado, o burburinho dos clientes de sexta-feira desaparece de forma nebulosa e saboreio a boca do Simon enquanto sinto com grande convicção que isto deve ser amor.

Interrompo o beijo.

— Por favor, não me farejes o rabo como fazem os cães.

Ele volta a mostrar-me as obturações dos dentes, tão sexy.

— Oh, mas é a minha melhor jogada.

Dedicamo-nos à garrafa de vinho tinto e ao frémito eufórico que nos invade quando estabelecemos uma relação com alguém de quem gostamos mesmo.

Quando ele pega na garrafa e deita as últimas gotas para o meu copo, decido que tudo valeu a pena. Depois de todas as decepções, todos os maus encontros e separações, depois de tantas amigas me ligarem a dizer que estão exaustas e já não conseguem continuar nas suas relações, depois da minha preocupação constante sobre se «estas coisas alguma vez me vão acontecer», depois de chorar tanto que quase não conseguia respirar e depois daquele ano após o Ryan em que a única coisa que fiz na minha casa vazia foi pesquisar formas de me matar que não traumatizassem demasiado a minha mãe quando ela encontrasse o meu corpo... Tudo valeu a pena se foi para me fazer chegar a este momento. Ao Simon. A isto. À forma como nos aninhamos um no outro.

— Eu não sou como os outros tipos que trabalham em finanças — diz ele, fazendo girar o vinho dentro do copo até se aproximar do rebordo, mas sem nunca entornar. — Eles trabalham só pelo dinheiro, mas eu não. Sou provedor, só estou ali para me certificar de que eles se comportam como deve ser. Uma pessoa diz que trabalha em finanças e toda a gente presume que somos um banqueiro ganancioso, mas alguém tem de os manter na linha.

Assinto pesadamente com a cabeça, com ar de quem está a esforçar-se para entender as minúcias financeiras que ele me tenta explicar, quando, na verdade, estou a ter o terrível pensamento de que ele trabalha em finanças, logo deve ganhar bastante dinheiro, mesmo que não seja banqueiro, e isso é algo bastante útil de se saber, já que trabalho para uma associação e estou sempre nas lonas. Talvez ele tenha poupanças suficientes para comprar uma casa. Onde eu possa viver? E depois de nos casarmos, a casa também passa a ser minha, não passa? Quero dizer, eu gosto do Simon só por ser o Simon — não pelo dinheiro dele. Mas o dinheiro é um bem útil. Espera lá, de que diabo está ele a falar agora? Pestanejo e afasto do pensamento a nossa casa vitoriana com três quartos em Greenwich.

— Desculpa? — pergunto.

Ele estende a mão por cima da mesa de barril e pega-me novamente nos dedos.

— Estava a perguntar-te pelo teu trabalho. És sempre tão reservada em relação ao que fazes.

— Sim, eu sei, mas isso é porque sou conselheira numa associação que ajuda pessoas com problemas de sexo e de relacionamentos. Não posso falar destes temas num encontro. São assuntos bastante pesados.

Ele aperta-me a mão com mais força.

— Este é o nosso sexto encontro, April, acho que as coisas podem ficar mais *pesadas*.

A seguir faz aquela coisa que os homens fazem com os olhos, quando pretendem deixar bastante claro que querem ir para a cama connosco. Oh, *Deus do céu, cá está. Vai correr tudo bem, vai correr tudo bem. Se ele for o tal, vai correr tudo bem.*

— Então, o teu trabalho? — Incentiva, recostando-se na cadeira já com os olhos normais. — Fala-me um pouco do que fazes.

— O que queres saber?

— Bem, gostas de trabalhar na associação?

— Adoro. — Agito o copo de vinho com um desapego entusiasmado e deixo que a alegria pelo meu trabalho se sobreponha à ansiedade que desabrocha dentro de mim. — Quero dizer, estamos constantemente com falta de fundos. No ano passado nem tivemos dinheiro para fazer a festa de Natal. Mas o trabalho é recompensador e os meus colegas são ótimos. A minha função reparte-se em duas tarefas — explico. — Passo metade do tempo a tratar da organização: a escolher os voluntários, a cuidar das nossas políticas de proteção, etc. Basicamente sou eu quem recruta, treina e gere os voluntários, quem se certifica de que eles estão a fazer o que devem fazer. Depois passo a outra metade do tempo nos nossos serviços da linha da frente.

— Que serviços são esses? — Ele só já parece parcialmente interessado, mas talvez tenha só imaginado que ele está a olhar de relance para o telemóvel.

— Bem, trabalho no nosso serviço online. As pessoas enviam as suas dúvidas sobre sexo e relacionamentos e nós respondemos-lhes.

— Dúvidas sobre sexo? Vocês devem encontrar coisas espantosas. Solto uma gargalhada e pouso o copo, sentindo o calor do vinho a inundar-me. É o nosso sexto encontro e estou a começar a sentir-me confortável com o Simon. De certeza que não tem nada que ver com o vinho.

— Já nada me choca — digo-lhe, ao Simon, ao meu potencial futuro marido.

— Não me digas...

— Digo, digo. Para fazer este trabalho não se pode ser pudico. Por exemplo, no meu primeiro dia de trabalho na associação, tive de dirigir uma reunião acerca da nossa política sobre sexo anal.

Ele quase cuspiu o vinho que tinha na boca.

— E que política é essa sobre o sexo anal?

— Queres dizer a minha ou a da associação? — Ele engole em seco e eu fico muito satisfeita comigo mesma por ter dito isto. Volto a rir-me enquanto aprecio o desconforto dele. — Não te disse que sou à prova de choque? Em minha defesa, quem começou esta conversa foste tu. Apesar de o meu colega Matt me ter avisado para não falar já do meu trabalho.

Ele inclina a cabeça e um sorriso convencido cruza-lhe o rosto.

— Ah, com que então tens falado sobre mim aos teus colegas... — Pousa o copo para conseguir estender o braço e pegar-me novamente na mão.

Assinto com timidez, sem conseguir descrever como é espantosa a sensação da pele dele contra a minha.

— Porquê? Não falaste de *mim* aos teus colegas?

É a vez de o Simon assentir.

— Talvez tenha mencionado que tivemos alguns encontros.

É ele. Bem vos disse que era desta! E se fala sobre mim às outras pessoas, então é porque também está a apaixonar-se por mim. Os meus músculos descontraem-se, soltando suspiros enquanto se deixam instalar num abandono ébrio. Tento inspirar o momento em que me encontro e guardá-lo na memória, para um dia poder contá-lo com precisão aos nossos netos. O sol quente no céu, o cheiro do Tamisa que corre aqui perto e me enche as narinas, a roupa que tenho vestida,

a localização precisa da nossa mesa em forma de barril, os ruídos dos grupos que se reúnem à nossa volta. É tudo tão maravilhoso que cometo um erro fatal.

Acredito.

E por isso começo a relaxar.

— Questiono-me sempre como será ter relações normais com os colegas de trabalho, em vez de relações demasiado intensas — matuto, encostando o rebordo do copo ao lábio inferior. — Quando se trabalha para uma associação como a Estamos Aqui, para se poder ser um bom profissional temos de ter logo de início conversas profundamente pessoais e muito pouco profissionais.

— Como assim? — pergunta o Simon, inclinando exageradamente a cabeça para trás para beber o vinho do seu copo. Não é a perspetiva mais atraente, mas não importa, porque ele é potencialmente o meu futuro marido, logo tudo o que possa fazer é adorável.

— Bem, se trabalharmos com pessoas perturbadas que nos contam coisas perturbadoras, como acontece connosco, não é muito saudável ter uma atitude arrogante de «esta é a minha personalidade a trabalhar», sabes? Temos de nos sentir saudáveis na nossa própria pele para podermos lidar adequadamente com as pessoas. Não podemos fazer um turno numa linha de apoio, por exemplo, se não nos sentirmos bem. Seria irresponsável. Podemos deixar transparecer o nosso desconforto nas respostas que damos às pessoas. Por isso, eu e os meus colegas somos extremamente próximos. Temos sempre um colega a quem devemos fazer um relatório no fim do turno e temos de falar das nossas próprias emoções com muita frequência. Sei de praticamente todas as coisas más que aconteceram aos meus colegas, e eles estão a par das que me aconteceram a mim. Assim, todos conhecemos os gatilhos de toda a gente e podemos cuidar uns dos outros durante os turnos que temos de fazer.

O Simon franze o rosto.

— Gatilhos? — pergunta.

Assinto. Gosto realmente de falar do meu trabalho. Da nossa pequena associação. Tem sido uma fonte de positivismo tão grande na minha vida desde o que aconteceu com o Ryan.

— Sim, assuntos que nos perturbam, normalmente relacionados com coisas que nos aconteceram no passado. No trabalho que fazemos, se nos sentirmos afetados por determinado assunto, podemos ficar demasiado perturbados, e nesse caso é melhor deixar que um colega assuma a questão. — Sorrio com afeto, pensando no Matt, na Katy e em todos os outros colegas que compõem o nosso microcosmos de apoio. — Por isso, somos muito próximos. Por exemplo, sei que o meu colega não consegue lidar com questões que tenham que ver com alcoolismo porque o pai dele era alcoólico. E a minha gerente não é muito boa com perguntas sobre DST, porque ela tem fobia de germes, e uma das nossas voluntárias, benza-a Deus, não consegue lidar com nada que se relacione com drogas. — Levanto os olhos para o Simon, ainda com um sorriso no rosto, à espera de que ele também esteja a sorrir. Por isso, é um choque para mim quando a expressão dele não é a que imaginei. Em vez disso, ele está recostado, com um ar ligeiramente entediado. Vejo-o carregar com o polegar no ecrã do telemóvel para ver se tem alguma notificação, e o meu estômago contorce-se.

— Uau, isso é tudo um bocadinho pesado, não é? — diz ele, com o nariz enrugado.

Consigo saborear a mudança da vibração no ar à nossa volta. Percebo o desconforto dele e sinto-me imediatamente constrangida e estúpida.

— Queres ir a outro lado qualquer? — pergunta o Simon, mudando deliberadamente de assunto, enquanto cruza os braços à frente do peito. — Ou então — diz, levantando uma sobrancelha com ar matreiro e alterando ainda mais a vibração —, podemos ir beber um copo a minha casa.

Ainda me sinto tomada pela emoção quando ele deixa no ar a dica de sexo, ainda estou a tentar perceber onde é que meti os pés pelas mãos. Obrigo-me a sorrir ao mesmo tempo que ponho em prática as minhas capacidades básicas de psicologia para analisar o que se passa aqui.

— Acho que podemos ir para tua casa...

Estou aborrecida por o ter perturbado, sinto-me à beira de um precipício, a cambalear para trás e a esbracejar enquanto tento manter o equilíbrio. Mas o sexo... o sexo acalma-os sempre. Agora dou por mim a querer fazer sexo com ele, não porque me sinto excitada, mas para

consertar as coisas. Quero oferecer-me como um pedido de desculpas por ser quem sou.

Ele levanta-se de um salto e põe o braço em redor das minhas costas enquanto eu me levanto desajeitadamente. Uma multidão de pessoas de fato já meio embriagadas reclama a nossa mesa mesmo antes de eu conseguir tirar a minha mala do banco. Ainda estou a processar mentalmente as coisas quando somos cuspidos para o passeio ao lado da margem do rio, onde um vendedor de revistas murmura os seus pregões desesperados. Estou a tentar regressar à boa sensação que me invadia antes, mas acabei de imaginar a nossa ligação a desaparecer. Provavelmente. Principalmente porque...

Não tenho tempo para pensar em mais nada. O Simon puxa-me para si e geme quando os nossos lábios se encontram. Ficamos uns 20 minutos aos beijos ali mesmo, em frente ao vendedor de revistas, e Londres desvanece-se num vazio. Esqueço-me de quanto beijar me torna uma criatura perfeitamente incapaz. À medida que a biologia assume o controlo, perco toda a noção do medo e sinto-me invadida com os inebriantes efeitos da química. O Simon interrompe os beijos, pega-me na mão e arrasta-me para a estação de metro, sempre com aquela expressão de sobranceiras levantadas como quem sabe que o sexo está iminente. Dou instruções a mim mesma para me sentir entusiasmada em vez de tensa.

Faltam quatro minutos até passar o próximo metro da linha Circle, por isso voltamos aos beijos, afastando-nos apenas para decidir se mudamos em Tower Hill ou não.

— Vai poupar-nos dois minutos de viagem — digo eu.

— O que são dois minutos? — replica ele, puxando-me novamente para si.

O metro chega com um silvo. Entramos na carruagem meio vazia aos tropeções. Sob as luzes ofuscantes, concordamos tacitamente em suspender os beijos e sentamo-nos frente a frente. Este interregno de beijos dura a distância entre duas paragens antes que a minha ansiedade volte a disparar. Olho para o Simon e, como seria previsível, começo a passar-me com tudo o que já aconteceu e tudo o que está prestes a acontecer. Ele pegou no telemóvel e está a mexer nele com

uma expressão vidrada. Por que motivo não está a olhar para mim com ar adorador, como eu estou a fazer com ele? É neste momento que tenho a primeira ponta de ansiedade. Depois, quando vamos a passar por Monument: por que razão ele ficou tão estranho quando falei do meu emprego? Será que fui excessiva? Sou sempre tão excessiva. Porque não tenho praticado mais, treinado mais? Será que funciona? Serei capaz de o fazer?

Não digas nada, é a instrução que dou a mim mesma. Não puxes o assunto. Aprecia o momento. Vai lá fazer sexo com ele. Recupera a proximidade com outra pessoa. Sabes como fazer sexo, já o fizeste antes. Apaixona-te. É evidente que este homem gosta de ti. Olha! Ele acabou de levantar os olhos da BBC Sport e piscou um olho! Piscou-me o olho! Que piscar de olhos amoroso e romântico... Oh, já está de regresso ao telemóvel, mas não faz mal. Também não posso estar à espera de que fique a olhar para mim com ar adorador a viagem toda. É pedir demais. *Estás a pedir demais, como sempre.*

Mas a minha boca já está aberta e as palavras saem:

— Simon? Está tudo bem?

Ele levanta os olhos do ecrã e enruga o nariz pela segunda vez nesta noite.

— Está, porquê?

Para de falar, para de falar, para de falar, para de falar.

— Não era minha intenção começar a falar tanto do meu trabalho...

— Não te preocupes com isso. Foi só um bocadinho pesado demais para uma sexta-feira à noite, não foi? Olha, é a nossa paragem! — Estende a mão para entrelaçar novamente os seus dedos nos meus e saio para a plataforma, um pouco com a sensação de que acabei de levar um murro na cara, mas também de que a culpa foi minha e, por isso, sou eu quem tem de resolver a situação.

— Mal posso esperar por te ter em minha casa — murmura ele contra o meu pescoço antes de o beijar.

Faço um som sexy pouco comprometedor e tento preparar-me. O que quis ele dizer com «um bocadinho pesado demais»? Eu não lhe contei quase nada. Porque é que esta expressão é usada tantas vezes para me descrever?

PORQUÊ SERES TU PRÓPRIA QUANDO PODES SER PERFEITA?

April é simpática, é bonita e considera-se uma pessoa relativamente normal. No entanto, não consegue passar do quinto encontro romântico. Sempre que pensa que encontrou um homem em quem pode confiar, ele acaba por partir-lhe o coração. E deixá-la furiosa. Ela está farta da forma como os homens tratam as mulheres, e não percebe porque é que as mulheres continuam a querer ser amadas por eles e a fazer tudo para lhes agradar.

Se ao menos pudesse ser mais parecida com Gretel... Ela é exatamente o que todos os homens querem: uma mulher perfeita e descomplicada. É linda, descontraída, divertida, nunca se apega demasiado nem traz consigo qualquer carga emocional.

Só que Gretel não é real. E April está a fazer-se passar por ela. Assim que April «se torna» Gretel, os encontros passam a ser muito mais divertidos, sobretudo depois de ela começar a sair com Joshua, que não faz a mínima ideia do que se está a passar.

Agora é April quem assume o controlo. Mas será ela capaz de controlar os seus sentimentos? E à medida que se aproxima cada vez mais de Joshua, será possível continuar a fazer de conta?

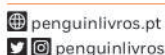
**«Um livro doloroso, cru, importante, hilariante, inteligente.
Um verdadeiro triunfo.»**

Beth O'Leary, autora de *Apartamento Partilha-se*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica



ISBN 9789895649327



9 789895 649327 >